

DESTAQUE NOS JORNais

Tina Evaristo

Da equipe do **Correio**

Riscos, efeitos, soluções e erros. Com a queda do real, o Brasil se transformou no principal assunto dos jornais internacionais. Alguns, como o francês *Le Monde*, afirmaram que o mercado financeiro não se convencerá da capacidade de o País de controlar a moeda depois da desvalorização. Segundo o *Le Monde*, a história mostra que outras economias, em situação semelhante à brasileira — como a sul-coreana, a mexicana e a russa — fizeram essa mesma opção e terminaram em situação muito ruim.

O jornal inglês, *Financial Times* (FT), uma das publicações mais respeitadas na área econômica e financeira, foi o mais otimista com relação ao futuro do Brasil. O FT ressaltou diferenças entre a situação mexicana de 1994 e a brasileira, lembrando que, ao contrário do México, o Brasil tem um ponto a seu favor: grandes somas em reservas financeiras. “Isso permitirá à equipe econômica escolher que caminho seguir”, opinou.

A queda do real frente ao dólar preocupou e muito os empresários argentinos, uma vez que torna os produtos brasileiros mais baratos nos mercados daquele país. “O Brasil comprará menos e venderá mais. Perderemos pelos dois lados”, alegaram os empresários. O jornal *Clarín* tentou acalmar a classe com declarações do ministro da Economia, Roque Fernández. “Não seremos afetados e tampouco precisaremos proteger nossas indústrias”, garantiu o ministro.

O *The New York Times* (NYT), um dos jornais mais lidos do mundo, pensa diferente. Para a publicação americana, a Argentina é o país que mais vai sofrer o impacto da manobra brasileira. Se o Brasil deixar o real flutuar livremente, avaliou o NYT, os argentinos terão muita dificuldade para segurar a paridade do peso com o dólar.

PERIGO

Nem os Estados Unidos sairão ilesos da situação, prosseguiu o jornal, explicando que, se a exemplo da moratória russa, o problema transformar-se numa crise prolongada, pode comprometer as exportações norte-americanas e a Bolsa de Valores de Nova York. Essa possibilidade não é tão remota porque, com o enfraquecimento do real, as mercadorias dos Estados Unidos se tornaram mais caras para os brasileiros. Na hipótese dos brasileiros realmente diminuírem o consumo de importados, as empresas norte-americanas perderão nas exportações e terão seus lucros reduzidos. O preço das ações dessas companhias na bolsa, nesse caso, também cairá e “a robusta economia dos Estados Unidos ficará anêmica”, concluiu o NYT.

Na prática, o Brasil consome apenas 3% de produtos *made in USA*, mas, é a oitava economia do mundo e o guardião do bem-estar financeiro dos países latino-americanos que, juntos, compram 21% da produção norte-americana. Em outras palavras, se o Brasil cair, arrastrará toda a região e os Estados Unidos, que já ficaram sem a Ásia, perderão mais um cliente.

Na opinião do *New York Times*, depois da desvalorização, restam ao Brasil três opções: permitir que a moeda continue flutuando; reativar o sistema de banda cambial e comprar reais no mercado externo para garantir a estabilidade da nova banda; seguir o exemplo argentino e atrelar o valor da moeda ao dólar. A melhor saída, segundo o jornal norte-americano, será definida nesse fim de semana, em Washington e, seja ela qual for, afetará toda a economia global.